

ARTISTAS PORTUGUÊSES NO EXTRANGEIRO
JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS
TRIUNFA EM ESPANHA

SUAS COLABORAÇÕES, PROJECTOS E IDEIAS

UMA PUBLICAÇÃO QUE HONRA PORTUGAL

OS SEUS «PANNEAUX» NO CINE SAN CARLOS,
 DE MADRID, CONSAGRAM-NO DEFINITIVAMENTE



Ecijo

As vezes basta um bom gesto dum homem para lançar numa alma estranha tóda a simpatia dum povo ou duma terra. E se esse bom gesto fór de português, mais facilmente se produz o fenómeno, porque é virtude nossa levarmos a pátria comnosco onde quer que os fados nos conduzam. E tanto a levamos nos nossos gestos, nos nossos passos, no nosso sentir, que basta um geito deselegante, um passo contrário, um sentimento toco para que a fisionomia da pátria distante, vista através da fisionomia dos seus homens, apareça carregada de sombras, com ares antipáticos, carrancudos, de mau ver...

Eu creio que, de todos os povos que correm mundo, são os portugueses que melhor ou pior podem dar fé do sítio onde nasceram. Atribuem-se-lhes qualidades de adaptação. Não há dúvida que se adaptam facilmente aos outros, mas não é com a mesma facilidade que adaptam os outros a si. Isto é, aos olhos dum estrangeiro que bem lobriguem, nunca poderão fundir-se num elemento próprio. Produto duma raça caldeada ao sol da glória, batida pelas refregas das tempestades, em horas de esperança alentadora ou em momentos de amarga desolação, num esperar e desesperar contínuo, o mar ao lado a sorrir-lhes bonanças ou a arrojar-lhes negras ameaças, suportando o peso duma História que fez o assombro do mundo, não como evocação fecunda em proveitosos ensinamentos ou como precioso legado de tempos que passaram, mas como fatal formento onde quere triturar os tempos que se vão, como se o de ontem fôsse sempre o de hoje e o de amanhã e de sempre

fôsse sempre o de ontem, investe-se de orgulhos sem medida ou cai nas maiores humilhações. Após a sobreexcitação das próprias forças, a impotência de quem as julga perdidas. Num confiar de cego ou num desconfiar de histérico scepticismo. De gritos estentoreos, ensurdecedores, estridentes, passa a silêncios de tumba, fulminantes quasi. Ágil como um gamo, lança-se à conquista do sol, as mãos ao alto e o coração em delírio; quieto como uma rocha, vê desabar tormentas, de olhos pasmados nelas, sem um bracejar de precaução ou defesa. E quando algum aparece, de emoção contida e cérebro claro, que consegue nivelar os nervos a

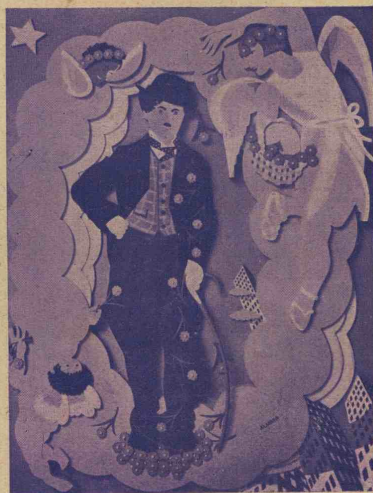


Perseguição

fôrça de muito sentir e de muito amar, compreendendo, definindo, perdoando, êle, o português que não define porque não compreende, sente-se atacado da fobia dos contrastes e chama-lhe louco, exótico, fantasista.

Canteira cheia de complexas facetas para aquele que se afaz a observar a vida através o homem, desdobra de si o observador. Bom ou mau, grato ou ingrato, desagradavel ou de bom ver, é sempre na vida um actor. Mesmo como espectador, dá-se ao papel de contemplar: observa sempre como português, com as suas virtudes peculiares e os seus defeitos característicos. Inclusive aqueles que — e alguns há, mau grado a dignidade da raça — pretendem varrer de si a condição da sua nacionalidade, chegam a ser, quando muito, maus portugueses; não portugueses, nunca. A retina do espectador, o espectáculo torna-se então turvo, com sucessivos quadros de miséria...

Sendo assim, e já que assim é, recomenda-se



Charlie

a exportação dos bons portugueses, dos portugueses simples, claros, nítidos, como este louco e fantasista Almada Negreiros, que tem semeado em terras espanholas, nas melhores camadas das terras espanholas, em pródiga difusão e em corceais jornadas, a graça do nosso espírito e a simpatia da nossa sensibilidade.

— Lisboa pouco ou nada me disse de novo. Eu já conhecia o Almada Negreiros...

Estas palavras, duma das melhores figuras da



«Hands up»

ILUSTRAÇÃO

Espanha actual, observador agudo e bem temperado, que pela primeira vez visitava Lisboa, abonam justamente o que o nosso artista por cá tem feito em pról da compreensão da sua terra. Os seus geitos, os seus passos, o seu sentir nem um só momento se arredaram dessa piedosa missão. Louvado seja !

ALMADA E ESPANHA

Almada quer agora *conversar* com Portugal. Acolhe-se a nós e às páginas da *Ilustração*. A nós, que admiramos o artista como um dos nossos maiores artistas e apreciamos o amigo como um dos espíritos mais amáveis de quem ainda recebemos amizade; às páginas da *Ilustração*, que se lhe abrem com alvoroço, com um alegre toque de boas vindas, de apreço nacionalista e efusivo companheirismo.

Nas suas palavras há muito de confissão, de desabafo talvez. Oicamo-lo sem interrupções incómodas :

«Saí de Portugal muito arreliado, apesar de reconhecer que fui sempre um *menino mimado* nos meios em que vivi; saí desgostoso apenas com o panorama artístico. Des resto, o nome de Portugal esteve sempre no primeiro plano das minhas preocupações.

«A-pesar da minha vinda para cá ter coincido com os ventos de aproximação que então sopravam e ainda sopram, quero fazer constar que vim individualmente. Saí disposto a correr mundo e parei no primeiro ponto que encontrei. Eis tudo.

«O tempo que aqui passei foi admirável, não só pelo que aproveitei como por aquilo que tive de desprezar; aprendi, enfim.

«Aconselho aos meus compatriotas uma visita a Espanha, não por intuítos de aproximação, pontos de vista inúteis a meu ver, mas com a única preocupação de viajarem através da Espanha, onde há efectivamente que aprender quando se é peninsular.



Dancing

«Considero a Espanha o país mais leal de todos para que nós entendamos a humanidade e a civilização.

«O meu grande empenho é que os meridionais, essencialmente os portugueses, sejam modernos e saibam que não basta serem modernos; mas que é necessário que se encontrem à frente do modernismo, porque, doutra maneira, copiaremos inevitavelmente os germanos e anglo-saxões.

«Não posso esquecer a amabilidade com que Madrid me recebeu e tratou. Madrid é a cidade mais amável e sorridente do mundo inteiro.

«Faço votos para que os portugueses conheçam um pouco de astrologia e se compenetrem dos grandes destinos para que está fadado Portugal.»

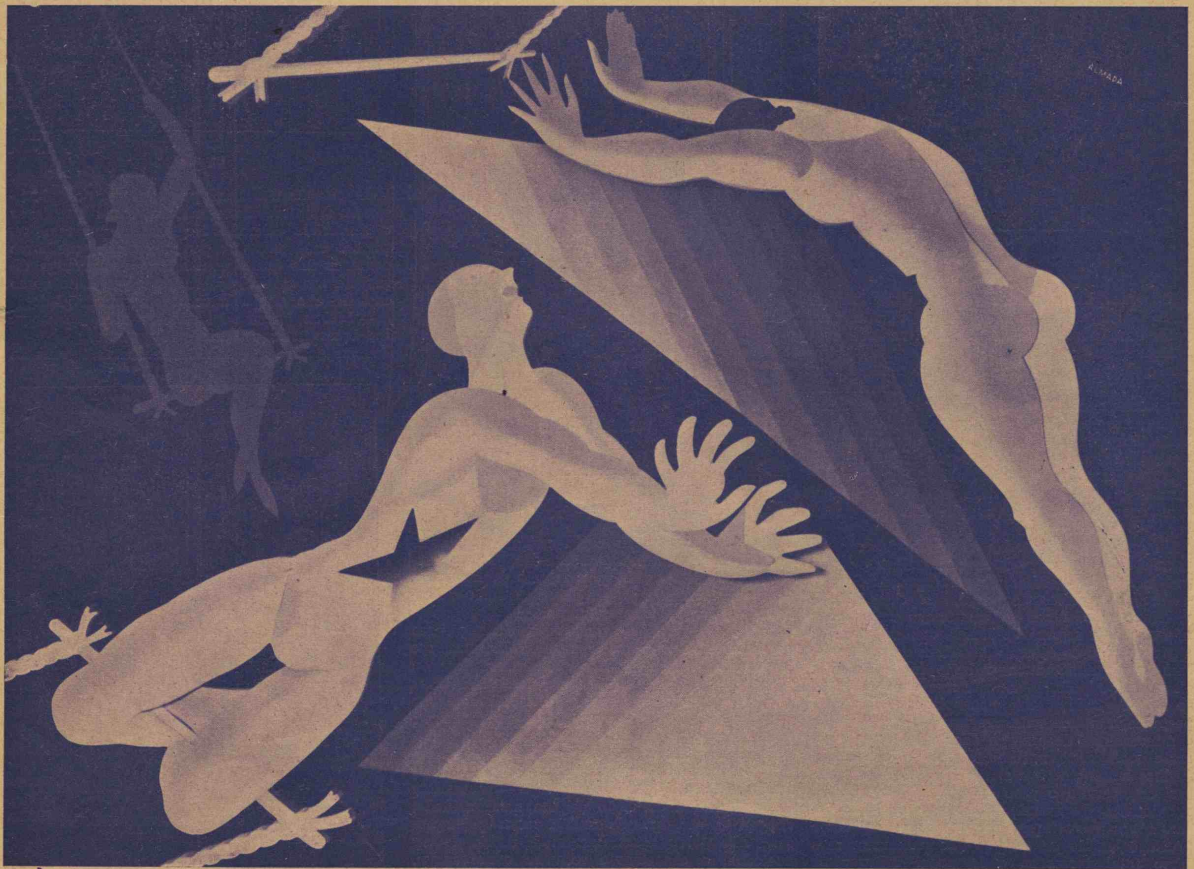
São estes alguns dos pontos que Almada desenvolverá numa conferência que tenciona em breve realizar em Lisboa subordinada a este tema sugestivo: «*Dados arbitrários para a futura aristocracia.*»

SUAS COLABORAÇÕES

Quando Almada Negreiros chegou a Madrid já era bem conhecido nos centros artísticos e intelectuais espanhóis. A sua colaboração na *Contemporânea*, de inolvidável memória, impusera-o como um sólido valor. Hoje, com três anos de Espanha, não só consolidou a sua situação naqueles meios, como está tido, no conceito geral, como um dos melhores, senão o melhor desenhador da Península. Para mim, o primeiro, e não me movem ao juízo sentimentos de patriotismo, que me parecem prejudiciais, nefastos até, quando se trata de julgar artistas.

Desde as colaborações de carácter intelectual até às de sentido mais propriamente popular, o seu lápis é disputado como forte elemento de triunfo. Nunca um artigo ilustrado por êle, desvie-se embora do espírito desta ou daquela gazeta, deixa de ter em Espanha um valor artístico e comercial.

Tem hoje colaboração firme nas seguintes publicações :



Variedades

Revista de Occidente, dirigida pelo ilustre escritor José Ortega y Gasset, e que é um bem conceituado repositório de idéas do pensamento espanhol incorporado nas modernas correntes europeias. Para esta publicação já fez o nosso artista as capas de dois anos seguidos.

Revistas da popular empresa Prensa Gráfica: *Esfera*, *Nuevo Mundo*, *Mundo Gráfico* e *Crónica*, cuja importância não é desconhecida do nosso público.

La Farsa, onde semanalmente se arquivam as peças recém-estreadas nos palcos madrilenos.

El Sol, o importante diário de Madrid, bastante lido em Lisboa, onde desenha a página cinematográfica e colabora nas «historietas» com os mais considerados artistas espanhóis no género: Bagaria, Lopez Rubio, Sancha, Tono, etc.

Trabalha também para a Companhia Ibero Americana de Publicaciones, hoje a maior casa editora deste país, e tem o exclusivo de publicidade de Cimentos-Kosmos, empresa industrial da maior importância.

UMA PUBLICAÇÃO QUE HONRA PORTUGAL

E vai honrar Portugal graças ao sentido nacionalista de Almada Negreiros, ao seu amor pelas nossas coisas e pela nossa terra. Trata-se duma colecção de livros de luxo, patrocinada por uma milionária argentina, M.^{me} Acevedo, que sai unicamente duas vezes por ano. Tanto autores do texto como ilustradores são convidados e escolhidos entre as maiores figuras das letras e das artes universais. A Almada coube-lhe a honra de ser convidado para ilustrar o que corresponde ao segundo semestre do ano corrente. Devemos esta gentileza ao conhecido escritor catalão Eugénio d'Ors, a quem os assuntos de Portugal merecem — e não é esta a primeira vez que o prova — preferente atenção. O texto devia também ser escolhido



Policia!l

pelo artista nosso compatriota. E a escolha recafu naturalmente sobre um livro português: o *Anadís* ou a *Diana*. Optou-se, por este último,

que vai assim ser incluído nesta rica colecção, que há de vir a ter sem dúvida um incalculável valor bibliográfico. Será editado sobre o texto actual e a bela versão de Afonso Lopes Vieira.

Para que se faça uma idéa da alta importância desta empresa, basta saber que se tira, de cada livro, uma edição limitada de 300 exemplares, que são distribuídos entre assinantes já fixos, além de seis exemplares mais, os quais serão igualmente repartidos entre editor, autor da obra e ilustrador.

Também conseguiu Almada que este livro fosse impresso em Portugal, composto e enca- dernado por operários portugueses.

OS «PANNEAUX» DO CINE SAN CARLOS

Esta notável obra do nosso grande artista que hoje se reproduz nas páginas desta revista produziu uma verdadeira revolução nos meios artísticos espanhóis. Trabalhada sobre estuque, tinha-se realizado, com sentido absolutamente moderno e sem se ceder um ápice da dignidade artística, uma obra que abria novos horizontes à arte do estucador, de aplicação directa à arquitectura. Almada Negreiros, o artista puro, tinha dado, em matéria industrial, uma admirável lição de pureza artística. E, assim, *incompreensivo e exótico*, o travesso futurista do *Orfeu*, fala ali, na fachada e no átrio do edifício do Cine San Carlos, mesmo ao entrar na Atocha, da nossa sensibilidade, do nosso espírito e duma arte que, pela sua elegância, pelo humor da sua intenção, pela sua clareza e harmonia, é bem nossa, bem portuguesa. E depois disto, deste magnífico exemplo de disciplina e de bom sentido actual, o artista, que pelos seus foi geralmente julgado um indisciplinado, ainda trabalha, já numa outra variante do mesmo processo industrial, na decoração da *Fundación del Amo*, levando à nova Ciudad Universitaria o nome de Portugal.

NOVAIS TEIXEIRA.



Vaqueiros